

## ARTES PLÁSTICAS

## Reflexões em Torno Dos Neoconcretos

MARIO BARATA

"Julgo um pouco a pintura, como a música, através das sensações físicas"

BYRON

O fascínio que o concretismo do Suplemento do «Jornal do Brasil» exercete sobre os estudantes das faculdades de Filosofia do Rio e a juventude intelectual de todo o país é um dos elementos que marcam nitidamente o panorama cultural dos últimos cinco anos, entre nós. Sua característica principal é a de resultar da tendência ao pensamento especulativo, à análise filosófica, tão típica das gerações mais novas.

É esse um novo fato no país. Realmente, enquanto a geração de 1922 foi artístico-humana e a de 1930, até a guerra 39-45, foi predominantemente política, a geração dos anos 50 está surgindo, até agora, especulativa, com o gosto e o risco do jogo das palavras que possibilitam abuso e desvio da metafísica, explícáveis, ambos, em país de poucos recursos filosóficos, como o nosso.

Ante o filosofar aplicado à arte, esta veio a ser examinada, crescentemente, através de sistemas elaborados de idéias — aplicações de esquemas terminológicos e equacionamentos de problemas — de modo tão cerebral que, muitas vezes, as obras de arte passaram a servir de mero pretexto a elocubrações mentais, desligadas praticamente do objeto estético.

O perigo desse afastamento da própria obra de arte aumentou nos últimos tempos, e tornou-se grave, dadas as más condições de ambientação estética no Brasil, com seus raros e fracos museus e escasos monumentos de arte.

Nos dias de hoje já se escreve — como que em círculos concêntricos dentro dos quais giraria o peru da velha imagem — artigos de doutrina neoconcreta, nos quais a obra artística não entra em causa. Alguns dos artigos publicados no «Jornal do Brasil» funcionariam da mesma maneira — com as mesmas articulações de vocabulário — se a peça pretexto fosse trocada na foto ou na exposição, por outra diferente e até por uma garrafa ou uma cadeira de qualquer cor. Chegamos ali, no domínio das análises críticas, a uma falsa filosofia, inadmissível em crítica de arte.

Nesta, a obra específica, com as suas essências, é o suporte de tudo. E a aborda-

gem filosófica tão eficaz deve partir dessa base.

Por outro lado, na medida em que o geometrismo plástico perdia sua função mediata, na dialética artística, internacional ou nacional, do apósguerra, restavam poucos caminhos de sobrevivência espontânea aquela tendência. Fazer novas obras, sem que a vitalidade de um apelo ou exigência da situação cultural as tornassem indispensáveis, era marchar para o artificialismo, para a produção em compartimentos estanques dotados de condições artificiais de vida.

O artificialismo da criação conjugou-se ao artificialismo da reflexão estética, na configuração de uma permanência temporal acima do possível e abaixo do autêntico, de um movimento artístico.

Cresceu então o aspecto lúdico da manifestação coletiva, revelado em diversos aspectos nas exposições públicas, e, sem dúvida, dotado de certa significação. Buscou-se também como saída, o *humour*, válvula de escape providencial. E, a pouco e pouco, o teórico mais sério do grupo, procurou transformá-lo numa tendência à expressão, procura que foi uma reviravolta do concretismo, dando origem ao neoconcretismo, já apontamos isso em março de 1959, nesta coluna, e evidentemente esse voltaface foi curiosa tentativa de adaptação ou lenta transformação dos artistas do grupo frente às novas condições da criação estética, que predominaram neste início da década 60. A vaidade e o orgulho do grupo entram com o seu coeficiente de atuação nesse singular esforço de mutação interna de um movimento que recusa confessar-se ultrapassado ou aparentemente desnecessário. Poderia também ocorrer atitude, não desprovida de humildade, mas rara, do criador individual que se recusa autenticamente à abdicção de seus valores e da sua maneira de ser vital e estética, procurando realizar-se a si mesmo através de sua obra, *malgré tout*. Existem realmente vários caminhos de sensibilidade e diversas aparências do homem.

No próximo domingo, analisarei alguns dos aspectos da recente mostra neoconcreta no Rio de Janeiro.